



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

PAULA ANDREYNA ALMEIDA DE SOUZA

**O LÚDICO EM *REINAÇÕES DE NARIZINHO* E *O PICAPAU AMARELO*, DE
MONTEIRO LOBATO**

ITABAIANA/SE
2023

PAULA ANDREYNA ALMEIDA DE SOUZA

**O LÚDICO EM *REINAÇÕES DE NARIZINHO* E *O PICAPAU AMARELO*, DE
MONTEIRO LOBATO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

ITABAIANA/SE
2023

PAULA ANDREYNA ALMEIDA DE SOUZA

**O LÚDICO EM REINAÇÕES DE NARIZINHO E O PICAPAU AMARELO, DE
MONTEIRO LOBATO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

Aprovado em 18 de maio de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira (UFS)

ORIENTADOR

Profa. Dra. Esmeralda Barbosa Cravançola (Colégio Militar de Salvador)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 A LITERATURA INFANTOJUVENIL E O LÚDICO.....	10
2 MONTEIRO LOBATO E SUA PRODUÇÃO INFANTIL.....	18
3 ANÁLISE DA OBRAS REINAÇÕES DE NARIZINHO E O PICAPAU AMARELO.....	22
3.1 Um olhar sobre Reinações de Narizinho.....	25
3.2 Um vislumbre sobre a obra O Picapau Amarelo.....	28
REFERÊNCIAS.....	31

Dedico o presente trabalho às minhas irmãs Karla Andryelly e Andressa e às minhas afilhadas Luna Maria e Ágatha, para que sempre tenham esperança e para que acreditem em seus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente pela minha vida e sabedoria para trilhar os caminhos e driblar as dificuldades durante minha jornada. Agradeço aos meus pais Carla Sabrina e Paulo Barreto, por todo carinho, dedicação e ensinamentos que contribuíram para o meu amadurecimento. Agradeço ao meu esposo Alff, pelo incentivo, pelo companheirismo e pela compreensão nos momentos difíceis. Agradeço aos meus tios Rodolfo, Romário e Antônio Carlos por toda ajuda durante a minha vida acadêmica. Agradeço aos meus colegas de classe e amigos Natalice, Flaviane, Sabrina, Aline e Temístocles por todo apoio nas horas difíceis vividas durante o curso. Agradeço às minhas amigas Leticia, Thaina, Gleice e Marcela por todo carinho, por todos os abraços e por todo incentivo que depositaram em mim. E aos demais que de alguma forma contribuíram para que esta monografia fosse finalizada.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar os aspectos lúdicos presentes nas obras de Monteiro Lobato. Observamos que a literatura infantil passou por inúmeras inovações, que vão desde o descobrimento da criança como ser pensante até os autores que realmente se preocupam com o gosto e com a percepção de mundo da criança. Diante do gigantesco número de obras infantis que compõem a literatura infantil, optamos pelas obras de Monteiro Lobato, com destaque para *Reinações de Narizinho* (1931) e *O Picapau Amarelo* (1939). Observamos como o lúdico se constitui no decorrer das narrativas. Com a pesquisa, foi possível perceber que o lúdico é retratado de forma única nas obras de Monteiro Lobato, que mescla o real e o fantástico, algo que prende o leitor e o surpreende através das aventuras vividas por personagens com características semelhantes às do leitor.

Palavras-chave: *Monteiro Lobato; Reinações de Narizinho; O Picapau Amarelo; Literatura Infantojuvenil, o lúdico.*

ABSTRACT

This research aims to study the ludic aspects present in the works of Monteiro Lobato. We observed that children's literature has undergone numerous innovations, ranging from the discovery of the child as a thinking being to the authors who really care about the child's taste and perception of the world. Faced with the huge number of children's works that make up children's literature, we opted for the works of Monteiro Lobato, with emphasis on *Reinações de Narizinho* (1931) and *O Picapau Amarelo* (1939). We observe how the ludic is constituted in the course of the narratives. With the research, it was possible to perceive that the ludic is portrayed in a unique way in the works of Monteiro Lobato, which mixes the real and the fantastic, something that captures the reader and surprises him through the adventures lived by characters with characteristics similar to those of the reader.

Keywords: *Reinações de Narizinho*, *O Picapau Amarelo*, The ludic, Monteiro Lobato.

INTRODUÇÃO

A Literatura Infantil apresenta problemas desde sua origem, principalmente ligados às técnicas de escrita, que vão desde a construção do texto ao desenrolar do tema, da linguagem ao vocabulário, e passam, também, pela aceitação do público. Alguns autores que se aventuram através da construção de obras infantis se esquecem de escrever para seu leitor e não levam em consideração seus gostos.

Ana Castro Osório afirma que “o melhor livro de leitura e o mais interesse e agrado desperta a criança” (*apud* ARROYO, 2011, p. 12). O pensamento da autora reforça os estudos realizados acerca da falha das obras europeias e do abuso do teor moralista do fator pedagógico. Sabe-se que, para uma obra infantil se tornar um clássico é necessário que seja aprovada pelas próprias crianças.

A partir do século XVII até os dias atuais, diversos estudiosos seguem a linha de raciocínio de Fénelon (1651-1715), o qual acreditava que os livros mitológicos e a utilização de elementos fantásticos e lúdicos acendem a chama do prazer e da imaginação nos jovens leitores. Esses esforços contribuem não somente para uma literatura mais fluida e fora de um moralismo exacerbado mas também proporcionam à criança uma leitura adequada à sua capacidade mental e intelectual. A literatura infantil foi alavancada por vários nomes, dentre eles destacam-se

Charles Perrault (1628-1703), que desvendou a ótica infantil e que abriu caminho para outros autores da literatura infantil como os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen (1805 -1875).

Influenciado pelos grandes nomes da literatura europeia, durante o século XIX e pela falta de obras que realmente remetessem à infância e a realidade brasileira, surge Monteiro Lobato com a “obra-prima” *Reinações de Narizinho* (1931), revolucionando a Literatura Infantil Brasileira. Uma obra lúdica, que mescla o real e o fantástico com leveza e simplicidade.

Trabalhar o lúdico não é algo fácil, principalmente para crianças. Foi pensando nessa dificuldade e no encantamento dos autores que realmente conseguem alcançar as crianças de forma tão íntima e prazerosa que este trabalho foi idealizado, além de evidenciar o trabalho revolucionário feito por Monteiro Lobato e a sua dedicação a uma escrita que dialoga com a realidade dos jovens leitores, ou seja, recheada de aventuras, magia e de um exercício imaginário voluntário.

Portanto, esta pesquisa possui um caráter teórico-exploratório, que parte de uma investigação bibliográfica, no qual busca analisar a Literatura Infantil e o aspecto lúdico presente nas obras de Monteiro Lobato, com destaque para as obras *Reinações de Narizinho* (1931) e *O Picapau Amarelo* (1939).

A presente investigação literária apresenta no primeiro capítulo um breve estudo sobre a Literatura Infantil e sobre o aspecto lúdico; no segundo capítulo, se abordam Monteiro Lobato e suas obras; o terceiro capítulo se divide em dois subtítulos, o primeiro subtítulo consiste em uma análise da obra *Reinações de Narizinho* e o segundo subtítulo aborda uma análise sobre a obra *O Picapau Amarelo*.

1 A LITERATURA INFANTOJUVENIL E O LÚDICO

O lúdico tem sido um tema bastante abordado em trabalhos acadêmicos. A sua utilização, atrelada a acontecimentos da realidade, não é mais vista como uma simples brincadeira, mas como um meio de desenvolver a imaginação, a personalidade, o senso crítico e uma aprendizagem prazerosa da criança. A ludicidade tem grande ênfase na literatura infantil, pois está ligada ao imaginário da criança, já que atribui a ela liberdade, confiança e divertimento.

Partindo do pressuposto de que nem todas as obras escritas para as crianças realmente atingem e ampliam seus gostos de imaginação, observou-se a importância de se abrir espaço para uma discussão acerca da Literatura Infantil com o foco no lúdico e do papel importante desempenhado por ele no desenvolvimento emocional, psicológico e social da criança. Isso acontece pelo grande alcance psicológico dos contos de fadas. Eles alcançam o inconsciente de cada criança de maneira diferente e a partir da imaginação e experiências dela.

O lúdico tornou-se palco de estudos devido à importância no desenvolvimento da criança. Entre esses estudiosos, podemos citar Jean Piaget (1896-1980), psicólogo suíço, que buscou trabalhar o lúdico de forma sistematizada para as crianças. Para Piaget, a criança constrói seu próprio mundo, no qual ela mescla a realidade e o maravilhoso, tendo como objeto de prazer, inclusive, a literatura. Segundo Piaget, o lúdico é uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento infantil, tendo semelhanças com o processo de aprendizagem a partir dos estágios cognitivos apresentados pelas crianças.

Ou seja, o lúdico além de apresentar características que mesclam aprendizagem e prazer, trabalha ainda a formação da personalidade da criança como leitor e pessoa. É através do lúdico que o ser humano passa a ser inserido culturalmente e socialmente no meio social, sendo um "binóculo" que possibilita a criança a lidar com o mundo real. O lúdico, estando tão presente em contos de fadas, proporciona ao leitor superar as dificuldades da vida e lutar contra elas.

Não se pode falar de literatura sem se falar das suas formas, principalmente a literatura oral. No Brasil colonial, as narrativas orais eram transmitidas através dos negros e negras escravizados, que tinham como tradição cultural a narração de histórias tradicionais, contribuindo para a formação cultural do povo brasileiro:

No Brasil depressa a velha indígena foi substituída pela velha negra, talvez mais resignada a ver entregue ao seu cuidado a ninhada branca do colonizador. Fazia deitar as crianças aproximando-as do sono com as estórias simples, transformadas pelo seu pavor, aumentadas na admiração dos heróis míticos da terra negra que não mais havia de ver. Dos elementos narrados pelas moças e mães brancas, as negras multiplicavam o material sonoro para audição infantil. Humilde Sheerazada, conquistava, com a moeda maravilhosa, um canto na reminiscência de todos os brasileiros que ela criava. Raramente vozes europeias evocaram as histórias que os tios e as tias narravam nas aldeias portuguesas. Os ouvidos brasileiros habituaram-se às entonações doces das mães pretas e sabiam que o mundo resplandecente só abriria suas portas de bronze ao imperativo daquela voz mansa, dizendo o abre-te, Sésamo irresistível: era uma vez... (CASCUDO *apud* ARROYO, 1968, p. 51-52)

A literatura oral e a contação de histórias andam lado a lado. Via de regra, essas histórias são fantásticas, prazerosas que mesclam elementos fantásticos com elementos e ambientes já conhecidos, narradas para as crianças experiências e aventuras vividas por adultos ou por outras crianças em um mundo mágico e novo, mas com características semelhantes às do mundo em que vivem.

A literatura oral foi uma grande contribuinte para a Literatura Infantil, já que foi, através dela, que elementos como o lirismo, o heroísmo, o drama, o suspense e a magia, influenciaram na construção de grandes obras, desde “João e Maria” a “Chapeuzinho Vermelho”. Além disso, trouxeram grandes aprendizados encantados com seus lobos falantes, com suas crianças corajosas e aventuras eletrizantes.

Barros nos apresenta o quão significativo e enriquecedor é o contato das crianças com essas histórias. O contato com a literatura não se dá apenas pelo contato com o livro, ou seja, também ouvir as histórias é importante para aprimorarem os conhecimentos culturais e sociais do meio no qual se está inserido. A literatura oral e a contação de histórias estabelecem a interação social, além de proporcionar uma ligação direta entre quem conta e quem ouve a história:

A importância da Literatura Infantil se dá no momento em que a criança toma contato oralmente com ela, e não somente quando se tornam leitores. Dessa forma, ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer. É através dela que a criança pode conhecer coisas novas, para que seja iniciada a construção da linguagem, da oralidade, de ideias, valores e sentimentos, os quais ajudarão na sua formação pessoal. (BARROS, 2013, p. 22)

Até o século XVII, não havia uma distinção e uma concepção sobre a infância. Os gostos, os sentimentos e as particularidades das crianças não eram

conhecidos, tampouco citados. Na Idade Média, não existia uma particularidade do que era ser criança, sendo esta representada como miniatura dos adultos, tanto em suas vestes quanto em seus costumes. As crianças não possuíam uma classificação, não recebiam um tratamento diferenciado. Na verdade, é possível afirmar que não havia um sentimento de infância.

Atribuindo a imagem infantil a uma contrariedade, Zilberman apresenta um pensamento que coloca em pauta toda a distorção da imagem da criança, que, anteriormente, era vista como uma miniatura do adulto:

Se a imagem da criança é contraditória, é precisamente porque o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas este reflexo não é ilusão; tende, ao contrário, a tornar-se realidade.

Com efeito, a representação da criança assim elaborada transforma-se, pouco a pouco, na realidade da criança. Esta dirige certas exigências ao adulto e à sociedade, em função de suas necessidades essenciais. (ZILBERMAN, 1985, p.18)

Segundo Arroyo (1990), foi durante o século XVII que a Literatura Infantil sofreu alterações significativas através de Fénelon (1651 - 1715). Inicialmente, seu objetivo era educar moralmente as crianças a partir de textos com caráter maniqueísta, nos quais diferenciava de maneira clara o bem e o mal e afirmava qual caminho a criança deveria trilhar. A partir daí, ele passa a introduzir aspectos mitológicos, despertando o interesse do filho do Duque de Borgonha.

Nesse momento, houve a certeza da necessidade de obras literárias de cunho infantil, não apenas com o objetivo de educar, mas também de instigar as habilidades intelectuais e físicas da criança, como a escrita. A literatura e, por consequência, “a leitura” acabaram desempenhando um papel muito importante na formação da criança, desenvolvendo-lhe um vocabulário mais amplo, além da criatividade, do senso crítico, da imaginação e da cognição.

O olhar sobre a infância se modificou a partir do posicionamento da Igreja Católica, a qual remodelou o conceito de família. Segundo Hywood (2004), a infância passou a ocupar uma visão diferente, associada ao menino Jesus, o que tornava a criança um ser precioso, que merecia uma grande responsabilidade emocional e psicológica, nascendo daí o sentimento de infância. Mas foi durante o século XVIII que o sentimento da infância se consolidou, juntamente com suas necessidades, como a educação. E é a partir deste momento que a literatura infantil

torna-se tão importante na formação de jovens e crianças pelo mundo. Antes do século XIX, não existia uma distinção de uma literatura para crianças, e, após a construção de um ambiente constituído no sentimento de infância, os únicos livros que existiam como objeto de ensino e estudo destinados às crianças eram os livros religiosos.

Foi, portanto, a partir do século XVIII que houve o reconhecimento de que a criança não era uma versão reduzida do adulto e de que era necessário manter uma educação diferenciada para a formação dos pequenos. A partir deste momento, o sentimento da infância ganha uma nova concepção. A Literatura Infantil atua de forma pertinente em cada faixa etária, com o intuito de levar os pequenos a uma concepção realista, mas sem que percam a essência da infância.

É sabido que muitas obras que pertencem ao acervo infantil não foram escritas com esse propósito. Sabemos também que muitas obras escritas entre o século XVII e XVIII que eram voltadas para a Literatura Infantil, realmente entregaram o que prometeram, agradando e atendendo ao gosto infantil. Tais livros não traziam apenas noções pedagógicas, tampouco serviam como mero instrumento de diversão. Essas obras traziam um conhecimento de mundo e proporcionam à criança um passeio por dentro das histórias narradas. Dentre esses autores e obras, poderíamos citar: Charles Perrault (1628-1703), com a “Chapeuzinho Vermelho”; Jacob Grimm(1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), com “João e Maria”; Hans Christian Andersen (1805-1875), com o “Patinho Feio”.

Pensando desta forma, não é aceitável afirmar-se que a Literatura Infantil possui uma única definição, ou um único ponto de partida, já que, ao longo da História, desempenhou um papel muito importante para a formação intelectual de jovens e crianças. Ela não se detém apenas às letras, mas pode trabalhar também as possibilidades sentimentais, psicológicas e imaginárias das crianças. É a partir do século XVIII a Literatura Infantil começa a dar seus primeiros passos, devido à necessidade de obras literárias voltadas para o público infantil e sabendo-se que a pedagogia e a Literatura Infantil sempre tiveram uma forte ligação. Não era somente necessário instruir a criança, mas também ampliar seu horizonte imaginário.

A Literatura Infantil carrega consigo uma trajetória de significado e transformação que passa a ser legitimada pelo seu público. Muitos autores tentam ingressar na produção infantil, mas não obtiveram êxito, talvez por pensarem como adultos e esquecerem os gostos infantis ou pela insensibilidade com o maravilhoso e

com o deslumbre pela aventura. É verídico que a literatura não é apenas um amontoado de palavras e frases escritas sem sentido ou sentimento. Com a Literatura Infantil não seria diferente, já que vários elementos corroboram para que ela se torne tão atraente aos olhos dos pequenos, como as formas coloquiais e as informações trazidas pelos autores.

Por mais que a Literatura Infantil atenda os pré-requisitos da literatura geral, nem todos os escritores desta área conseguem elaborar uma obra infantil capaz de ampliar o imaginário de todos os seus leitores e auxiliar na compreensão e resolução de seus conflitos internos. Mediante isto, é possível entender por que muitas obras que inicialmente são projetadas para tratar do público infantil, não instigam o seu público à leitura nem incentivam o seu imaginário.

Diversos livros que tinham como objetivo serem obras infantis falharam miseravelmente devido ao seu caráter excessivamente pedagógico, tornando-se meros mecanismos de ensino. A produção livreira voltada para as crianças foi a princípio tida como uma tarefa fácil, mas isso não aconteceu, já que a criança possui gostos e uma bagagem cultural e social diferente da do adulto. A imposição de alguns ensinamentos de forma repetitiva, mecânica e cansativa não permite que a criança se desenvolva e desenvolva os seus pontos fortes, tampouco o senso crítico.

Para Meirelles (1964, p. 25-26), "[...] o que se tem em vista é o exercício da linguagem e a obediência a estas ou aquelas recomendações pedagógicas. O texto fica mais ou menos na dependência desse mecanismo sem grandes possibilidades para a imaginação". Tal pensamento destaca todo esse estereótipo pedagógico atribuído à literatura infantil e a visão do livro infantil como um manual, cujo objetivo seria moldar os pequenos de acordo com as perspectivas do adulto. Mas nem todos os autores possuem essa perspectiva mecânica da infância. Alguns ainda conseguem alcançar a inocência, a pureza e a diversão vividas na infância, trazendo uma narrativa leve, com acontecimentos que aproximam a criança de uma realidade próxima, mas não deixam de tratar de assuntos sensíveis, como a morte.

Nesse sentido, é possível dizer que nem todo livro escrito para crianças é realmente para as crianças. Ocorre também o fato de que os livros que outrora não eram para criança trouxeram em sua estrutura e na sua escrita um encantamento indescritível para os pequenos, como é o caso de Perrault, Andersen e Collodi (1826-1890). Esses autores trouxeram em suas obras uma grande revolução para o

espírito infantil. Eles conseguiram captar a essência da criança em palavras e ações, as transportando para uma dimensão cercada de aventuras, lutas, magia, beleza e um poder de resolver seus problemas.

Para um livro ser necessariamente bom e prender a atenção da criança, ele precisa conter uma narrativa inovadora e que provoque no algum sentido de legitimidade, atrelado a isso, o uso das ilustrações desempenha um papel muito importante, pois além de apresentar um cenário ou retratar uma característica de algum personagem, a ilustração influencia de maneira direta na formulação da imaginação do leitor, mas, além de toda ilustração, é necessário que o livro tenha uma linguagem simples, aproximando a criança da obra. Segundo Arroyo (1990), a literatura deve ser concreta e precisa, trazendo uma linguagem e cenas próximas à realidade da criança, tornando a projeção das imagens mais interessante e menos cansativa.

Uma obra infantil também não precisa trazer em toda a sua construção tons moralizantes que escancaram para a criança o que ela precisa fazer. A criança possui um espírito de independência ligada à área da imaginação, e textos moralizantes lhe farão não optar pela leitura, criando no íntimo da criança uma repulsa e uma rejeição, tornando todo o aprendizado falho e inútil. Sabemos que as obras infantis não precisam necessariamente passar algum tipo de aprendizado e lição para criança.

O lúdico tem por objetivo despertar a imaginação. Desse modo, dentro da literatura não seria diferente, já que a ludicidade nas obras pode despertar a fantasia, inserindo a criança em um mundo de faz-de-conta e no mundo real, e a ajuda a lidar com situações corriqueiras. Outro aspecto aliado ao lúdico é o despertar da curiosidade para descoberta e procura de novas aventuras, podendo ser encontrados nas obras literárias.

A Literatura Infantil, com seu acervo de grandes obras, é portal que transporta as crianças para histórias emocionantes e as ensina a lidar com problemas e expressões sentimentais. Segundo Abramovich (1997, p. 17), “[...] por meio das histórias a criança pode vivenciar diferentes emoções, sentindo profundamente o que as narrativas podem provocar no imaginário infantil”.

Desse modo, o livro precisa estimular a imaginação da criança para que ela possa tomar gosto pela leitura, o que contribuirá para o afloramento da curiosidade da criança, transformando o livro em objeto de prazer e diversão. Tal experiência,

além de proporcionar um grande aprendizado de forma gratuita e leve para criança, proporcionará também a aceitação de uma obra para que depois venha a se tornar uma verdadeira obra da Literatura Infantil, devido à preferência da criança por aventura.

Em alguns estudos, Alceu Amoroso Lima defende: “O livro deve ser para a criança um meio de estimular o instinto vital, provocar-lhe a imaginação, de provocar-lhe a personalidade [...] Só em seguida, ajunta, despertando na criança o interesse pela leitura, tendo ela compreendido a riqueza que há nas páginas de um livro, estimulada, portanto, a sua curiosidade, pode começar a obra de ensino e de educação moral.” (*apud* ARROYO, 2011, p. 39). Com isso, Alceu Amoroso Lima pretende apresentar que a criança deve rever a leitura como um prazer e não como um dever, por isso a grande importância de obras literárias com um conteúdo lúdico e maravilhoso. O autor ainda afirma que “a leitura é o mais movimentado, o mais variado, o mais engraçado dos brinquedos” (ARROYO, 2011, p 37), aproximando-se do ideário de escrita de Monteiro Lobato.

Neste sentido, o sentimento lúdico da leitura é o ponto principal e inicial para se classificar uma obra infantil, pois a ludicidade deve se desenvolver de forma plena e natural. Somente após ter seu sentido lúdico trabalhado de forma uniforme e coerente é que a Literatura Infantil passa a ser um meio de educar e instruir. Alceu Amoroso Lima salienta que “a literatura infantil é primeiramente um meio de divertir as crianças” (ARROYO 2011, p. 37). Tal pensamento dialoga com as grandes obras literárias infantis, e toda e qualquer obra que fuja dessa concepção é vista como uma imposição violenta ao espírito e personalidade da criança.

É através do entendimento dessa visão que as obras destinadas a crianças devem começar a ser pensadas. É imprudente falar que, com o passar dos anos, não ocorreram mudanças históricas, culturais e pedagógicas, mas o critério de avaliação dos livros ainda está incumbido à criança e ao que ela prova ser a mais pura e verdadeira Literatura Infantil.¹

O livro detém um grande potencial que, além de divertir, nutre a criança intelectualmente, abre as portas para a genialidade intuitiva da criança. Todos os

¹ Para Hunt, o sentido do livro é estabelecido através da relação que a criança desenvolve com ele, pois é esta relação que desenvolve e aflora a imaginação da criança. É a partir desse envolvimento que a criança conseguirá decodificar e entender o texto de forma livre : “Do ponto de vista da criança leitora, todo ato de leitura que interprete um texto em termos de um universo de discurso que a criança conheça será um ato de desconstrução, ou um jogo com as palavras”. (Xxxx, p.149).

autores que contribuíram de forma positiva para a Literatura Infantil trouxeram não apenas a magia e o maravilhoso em suas obras, mas também a imaginação, um caráter dramático, o desenvolvimento de uma atividade e uma linguagem fácil. Tais aspectos contribuíram para a fuga de uma realidade tumultuosa e dos conflitos em sua vida cotidiana, sendo a literatura um portal de fuga para as aventuras.

Segundo Alceu Amoroso Lima (*apud* ARROYO, 2011, p. 41), "só no dia em que houver boas histórias de criança para criança é que se poderá falar da existência de uma Literatura infantil". Esta afirmação refere-se ao modo de escrita. Nesta perspectiva, não se trata de uma criança escrever para outras crianças, mas sobre reconhecer a natureza e a concepção do mundo infantil, vendo a infância de forma mais íntima e não de maneira superficial. Alceu Amoroso reforça que o sentimento do lúdico na leitura é fundamental e deve ser tratado como objetivo central da obra, tal como nas grandes obras literárias infantis.

É por meio do lúdico trabalhado nessas obras infantis que a criança se desenvolve e passa a ter um contato direto com um mundo cheio de novas aventuras e emoções. Tais obras trazem o belo e a magia de forma simultânea, proporcionando ao leitor uma expansão imaginária e uma percepção de mundo diferente.

Dentro dessa realidade e das obras que trabalham o lúdico de uma maneira espontânea e festiva, sem parecer algo forçado ou didático, aparece a imagem de Monteiro Lobato, um dos maiores escritores da nossa Literatura Infantil, que trouxe para o país uma afirmação cultural e uma ambientação semelhante àquela vivida pelas crianças brasileiras. Lobato acreditava na ideia de que o livro devia ser para a criança como um brinquedo, ou seja, divertido. Ele afirma em uma das suas cartas enviadas para o amigo Godofredo Rangel que tinha como ideal escrever livros "onde nossas crianças [pudessem] morar" (ARROYO, 2011, p. 283).

Tal afirmação nos leva ao ponto crucial deste trabalho, o lúdico. A partir dessa diversão, as crianças absorvem as mensagens que cada leitura pretende passar, ou seja, a criança aprende brincando. O lúdico trabalhado dentro dessas obras não necessariamente precisa fugir à realidade, mas a incrementa com elementos maravilhosos e aventuras.

2 MONTEIRO LOBATO E SUA PRODUÇÃO INFANTIL

Monteiro Lobato também aflorou seus talentos artísticos para a área infantil ressignificando a literatura infantil do país. Lobato menciona cenas e lugares cotidianos em suas obras, trabalhando de forma cordial, equilibrada e leve elementos pertencentes ao âmbito cultural, social, mitológico e cinematográfico.

Criador da “Editora Monteiro Lobato”, foi um pioneiro na escrita de obras infantis a partir de um cenário familiar e recheadas de aventuras eletrizantes, vividas pelos personagens principais, algumas crianças. O caráter nacionalista era uma das marcas registradas do autor, principalmente ao descrever cenários, como nos trechos: “No Sítio de Dona Benta havia varios pés, mas bastava um para todos se regalassem até enjoar. Justamente naquela semana as jabuticabas tinham chegado “no ponto” e a menina não fazia outra coisa senão chupar jabuticabas. Volte e meia trepava à, que nem uma macaquinha.” (LOBATO, 1931, p. 22).

Segundo Azevedo (1997, p. 165), Lobato rompe com as convenções estereotipadas e das amarras europeias, e escreve para o público infantil com vigor e paixão, deixando sua marca, atuando como um divisor da Literatura Infantil Brasileira. É notório o aprofundamento do autor quanto ao imaginário infantil e à leveza em mesclar a realidade e o fantástico através de personagens versáteis, pertencentes à cultura e ao folclore do país.

Monteiro Lobato povoa suas obras com um mundo recheado de elementos mágicos e de criaturas maravilhosas que moram na terra do faz-de-conta. Suas obras podem não possuir marcação de tempo e espaço, já que ele transporta os personagens para um mundo mágico, para momentos históricos e os aproxima de um contato mais íntimo com a cultura do povo, aproximando os leitores através da leitura e da identificação deles com o ambiente e com os personagens. As obras lobatianas são povoadas de personagens reais e mágicos, que acabam recebendo outros personagens de outras histórias para viverem juntos novas histórias recheadas de aventuras, suspense e muita diversão.

As obras do autor alcançam diversos conteúdos, que vão desde a astronomia até pensamentos matemáticos e filosóficos, além de comportar uma fala verossímil à do seu público e uma relação de proximidade com os personagens. Lobato apresenta ao público histórias de magia, aventuras e de possibilidades, nas quais seus leitores terão os personagens como exemplo.

Acredita-se que o sucesso das obras lobatianas se dá pela fidelidade do autor ao mundo da infância, filiado aos acontecimentos do mundo real e do “Mundo de Mentira” ou “País das Maravilhas”, assim nomeado por ele no primeiro capítulo do livro *O Picapau Amarelo* (1939). Somente o olhar puro de uma criança pode enxergar esse mundo fantasioso criado por Lobato, pois a imaginação dela é forte o suficiente para promover tal façanha, já que a vida adulta passa a ser mascarada através das críticas, dos problemas financeiros e das condutas regidas pela sociedade.

Além de carregar personagens fantásticos e mágicos como uma boneca de pano falante e uma espiga de milho inteligente que usa óculos e paletó, as obras lobatianas carregam marcas culturais que abrangem desde o público pertencente às zonas urbanas quanto às áreas rurais. Essa marca se dá em diversos comportamentos, como pedir a bênção à avó, brincar com bonecos não convencionais como a espiga de milho, subir em árvores e comer frutas diretamente do pé.

Segundo Arroyo (1990), por mais que a obra lobatiana “*Narizinho Arrebitado*” tenha sido escrita inicialmente com o propósito de uma literatura escolar, a obra já apresentava traços de uma verdadeira literatura infantil, que tinha como principal objetivo envolver o leitor e promover o seu imaginário. As obras lobatianas foram constituídas a partir de fontes de pesquisa do próprio autor, em busca de escrever obras que despertassem na criança o mesmo interesse que ela sentia ao ter um brinquedo. Para isso, Monteiro Lobato utilizou-se de personagens de outros autores e de diversos contos de fadas, todos incorporados a um cenário brasileiro.

Reinações de Narizinho é um sucesso. Na década de 60, as obras começaram a ser usadas nos livros didáticos da língua portuguesa. Apesar de se tratar de uma obra inicialmente escolar, *Reinações de Narizinho* traz um conteúdo lúdico. Era um livro infantil criado para divertir as crianças, o qual não fazia menção nenhuma à literatura escolar². Lobato utilizava-se de uma linguagem simples, unida ao fantástico, ao mesmo tempo que trazia aspectos da realidade, os quais englobavam, diversos assuntos, que iam desde a astronomia até a filosofia e que propunham uma conversação entre adultos e crianças. As obras lobatianas

² A literatura escolar sofria grande influência das obras europeias, cujas leituras eram quase sempre pesadas, de um espírito moralista acentuado ou sem um mínimo de interesse pelo entretenimento. Tal literatura tinha como objetivo o armazenamento de conhecimento, a educação moral e a censura de alguns episódios presentes em algumas obras literárias.

apresentavam uma forma de aprender por parte dos personagens infantis centradas na resolução de problemas, aliadas ao ideário proposto pelo escolanovismo e defendida por Anísio Teixeira.

No Sítio viviam Dona Benta, apresentada no início da obra, descrita como uma senhora de mais de sessenta anos. Uma mulher inteligente, amável e cuidadosa principalmente com seus netos, que é a contadora de histórias oficial da turma, e é tida também como figura de justiça, além de ser respeitada por todos os moradores, sendo a chefe da casa e do Sítio.

Tia Nastácia é uma cozinheira com mãos de fadas. É uma personagem ingênua e medrosa, possui diversos conhecimentos acerca da cultura popular e sobre o folclore. Assim como Dona Benta participa das brincadeiras e aventuras dos pequenos. Foi ela que criou a boneca de pano Emília. Mas, apesar de ter o carinho das crianças, era uma “negra de estimação”, uma expressão chocante utilizada para se referir a uma pessoa mediante a sua cor de pele. Tida como boba, simplória, medrosa, sempre subjugada e diminuída por sua cor, não somente ressalta certo racismo presente na obra, mas também revelava um caráter racista da sociedade da época.

Narizinho, com sua pele da cor de jambo, é uma menininha curiosa e carinhosa que vive saltitando pelo pomar e brincando às margens do Ribeirão. Esperta e muito bem educada é a dona da boneca Emília, e parceira das brincadeiras e aventuras do seu primo Pedrinho.

Pedrinho é um menino educado e valente, com o gênio forte e espírito aventureiro, topa toda nova aventura que aparece e sempre aprende sobre coisas que ainda não sabe.

Visconde de Sabugosa é uma espiga de milho falante e muito sabida, conhece e sabe de tudo, desde a Matemática até a Filosofia. Vive sempre com um livro na mão. É ele quem ajuda as crianças a desvendarem e a lidarem com alguma dificuldade em cada aventura através do seu olhar intelectual.

E, por último, mas não menos importante, temos Emília, a boneca de pano. Com seu gênio forte e língua afiada sempre está preparada para uma grande barganha com tudo e com todos. Crítica tudo e não gosta de ser repreendida.

Em *Reinações de Narizinho*, são apresentadas diversas outras personagens já conhecidas na época, como Dona Carochinha, Branca de Neve, Aladdin, Pequeno Polegar, Gato Félix, Bela Adormecida, Gato de Botas, que buscam fugir de suas

histórias e viver novas aventuras. As novas aventuras partem da sede do *Sítio do Picapau Amarelo*, onde tudo acontecia: “[...] ficava em um Lugar bonito. A casa era antiga, de cômodos espaçosos e frescos” (LOBATO, 1960, p. 171).

É possível notar, durante toda a obra, a familiarização e a intimidade existente entre os personagens já conhecidos e os personagens do Sítio. Tal relação pode ser explicada a partir do vasto conhecimento que os netos de Dona Benta e Emília possuem acerca da Literatura Infantil, seja através da leitura, seja pela contação de histórias. O modo como Dona Benta lia os livros os tornavam mais interessantes, comunicativos e íntimos às crianças, retomando características presentes na oralidade, como a entonação para dar vida a cada personagem. A sua imitação da voz de cada personagem tornava a leitura mais interessante.

Monteiro Lobato sempre buscou por um Literatura Infantil autêntica e verdadeira, que pudesse gerar prazer e diversão, dentro de uma realidade completamente nacional, que exaltasse elementos únicos do país, que vão desde como a descrição do Sítio e suas árvores frutíferas, a exemplo de jabuticabeiras e goiabeiras, nas quais as crianças subiam, além de comerem os frutos diretamente do pé. Ele também exalta a percepção da criança, de modo que a literatura se tornasse não um material escolar, mas também um objeto, um brinquedo inovador.

3 ANÁLISE DA OBRAS *REINAÇÕES DE NARIZINHO* E *O PICAPAU AMARELO*

Segundo Arroyo (1990), inicialmente *Reinações de Narizinho* foi criada com o intuito de atuar na literatura escolar, mas, devido ao seu apelo à imaginação, à harmonia com a natureza brasileira, aos diálogos fluidos e à utilização de uma linguagem simples e visual, a obra apresentou uma renovação no ideário da Literatura Infantil Brasileira, tornando-se um marco pedagógico, educativo e didático. Monteiro Lobato buscou escrever histórias a partir da ótica infantil, carregadas de pureza e ingenuidade. Reviu histórias anteriores dentro de uma ótica diferente, além de dar-lhes outro destino.

Antes de serem publicadas em livros, as aventuras de Narizinho foram narradas através da Revista Brasil. Um dos comentários positivos sobre essas aventuras foi de Breno Ferraz:

Reinações de Narizinho é um livro absurdamente original, em completo, inteiro desacordo com todas as traduções didáticas, que não afugenta o leitor, prende-o. Em vez de ser tarefa, que a criança decifra por necessidade, é a literatura agradável, que lhe dá a amostra do que podem ser os livros. (apud ARROYO, 1990, p. 283)

O cenário retratado em *Reinações de Narizinho* traz um ambiente calmo, único, ao ar livre e dentro de um contexto tipicamente brasileiro. Tais elementos de ambientação trazem o exercício da imaginação do leitor, de maneira afetiva e cuidadosa. Lobato se atenta aos detalhes ao descrever os personagens, como amáveis e corajosos, entre outras características. Além disso, a caracterização da pequena Lúcia (Narizinho) a aproxima dos seus jovens leitores e admiradores. A descrição dela feita pelo autor é de características típicas de uma criança brasileira, como a curiosidade, pele avermelhada, cabelos escuros e olhos grandes.

O autor traz diversos elementos que tornam seus personagens e o cenário ainda mais familiares e reais:

Numa casinha branca, lá no sítio do Pica-pau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. [...] Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia das mais encantadoras das netas [...]. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer bolinhos de polvilho bem gostosos. (LOBATO, 1960, p. 1)

Monteiro Lobato cria uma das personagens mais icônicas da Literatura Brasileira, a bonequinha de pano Emília, que acaba caindo no gosto do público. A boneca foi feita pelas mãos de Tia Nastácia, começa a falar e não para mais, revelando um gênio teimoso e respondão. Fiel companheira dos netos de Dona Benta, a boneca sabida detém um caráter crítico que surpreende a todos, pela sabedoria e astúcia. Acredita-se que a boneca seria uma porta-voz para o autor realizar alguma crítica ou reclamação sobre algo que o incomodava: “A Emília vive se queixando dos desenhistas, que nunca pintam como ela é”. (ARROYO, 1990, p. 300).

O Picapau Amarelo é dividido em 28 capítulos, os quais narram a mudança de todos os personagens do país das maravilhas para o Sítio do Picapau Amarelo. Tal obra reúne as aventuras de Pedrinho, Narizinho e Emília pela Terra do Nunca e pelo Sítio. A obra apresenta o contato íntimo e direto do pessoal do Sítio com personagens de outras histórias. Monteiro Lobato desenvolve suas histórias com maestria e ousadia, faz uma interação entre seus personagens e personagens de outros e a tecnologia da sua época em um ambiente e situações bem abasileirados, e é por esse motivo que a obra *O Picapau Amarelo* proporciona ao leitor uma viagem entre a realidade e a fantasia, proporcionando asas à curiosidade do leitor.

No primeiro capítulo, nos deparamos com uma visão agnóstica de Monteiro Lobato, já que ele faz uma indagação sobre a credibilidade da existência do País das Maravilhas e dos seus habitantes, que, para os adultos, são vistos como algo irreal, por estarem fora do alcance das mãos e dos olhos. Comparando a existência do País das Maravilhas com a existência de Deus e da Justiça, já que também estão fora do campo da visão e do tato dos adultos, Lobato acredita que o País das Maravilhas deve ser tratado como algo real, assim como Deus e a Justiça.

O “faz-de-conta” é um elemento muito importante e lúdico nas obras de Monteiro Lobato, pois é dele que tudo se faz possível, o que possibilita toda a existência do Mundo das Fábulas, assim como todos os seus moradores. É a partir do “faz-de-conta” que a criança consegue desenvolver seu imaginário, aprender sobre si próprio e aprender a se relacionar com outras pessoas. Este “faz-de-conta” faz parte de toda a obra de Monteiro Lobato, inclusive é citado por Emília para poder enviar a carta para o Pequeno Polegar.

O sítio de Dona Benta e as redondezas acabam se tornando o lar de todos os personagens das fábulas, da mitologia e da literatura universal, gerando uma

grande confusão. Neste livro, a inteligência de Emília é algo muito relevante e se mostra muito eficaz para resolver diversas questões, principalmente quando protegeu Quindim, das investidas de Dom Quixote por pensar que era seu inimigo, o famigerado mago Fresnom, que acabou enfeitiçando o valente cavaleiro a ver coisas que não existiam.

É necessário entender que, para ocorrer a incorporação de personagens de outras histórias é preciso que haja uma adaptação e um conhecimento prévio das histórias que serão utilizadas, assim como de seus personagens. De acordo com Sanders (2008, p.19), o processo de adaptação indica reinterpretações de textos estabelecidos em novos contextos de gênero. Ou seja, as novas interpretações precisam de um conhecimento prévio tanto do autor quanto dos leitores, mas não necessariamente precisam seguir uma fidelidade total para obterem sucesso em sua nova produção.

Geralmente essas novas obras inspiradas em obras antigas buscam a satisfação do público, que acaba relacionando passagens ou personagens das obras base, mas o objetivo geral é trazer novas sensações e experiências através de personagens já conhecidos e é essa impressão que Lobato busca passar em suas obras de maneira revolucionária. Suas obras trazem uma narrativa que envolve o leitor em uma experiência nova e com novos personagens, mas que dialogam com acontecimentos, personagens e histórias que já existem e são bem aceitas na sociedade.

Os personagens sempre se envolvem em alguma aventura com algum personagem conhecido como é o caso de Narizinho na obra *Reinações de Narizinho*, que, ao visitar o Reino das Águas Claras encontra-se pela primeira vez com o Pequeno Polegar, que busca fugir da Dona Carochinha (1894). Tais personagens já existem na literatura, mas foram adaptados por Lobato para criarem uma nova história.

Na obra *O Picapau Amarelo* a incorporação dos personagens originalmente pertencentes a outras histórias é maior, principalmente pelo fato que todos os moradores do País das Maravilhas passam a morar no Sítio. Lobato, por exemplo, faz menção à personagem Branca de Neve dos Irmãos Grimm:

Lá no castelo de Branca de Neve os meninos ouviam a história da galante princesinha contada por ela mesma. — Pois é assim — dizia Branca. — A minha perversa madrasta tanto fez que me transformou em princesa. Isto é

que se chama atirar no que vê e acertar no que não vê. Os anõezinhos me salvaram. Veio o príncipe e casei-me. (LOBATO, 1939, p. 30)

Durante este capítulo, Narizinho menciona outra versão da Branca de Neve, intitulada “Branca de Neve e os Sete Anões” da Disney da qual a própria princesa não conhece, mas Lobato o apresenta em seu livro de forma genial para mostrar que uma única história pode ter várias adaptações:

Narizinho falou a Branca da maravilhosa fita que andava correndo mundo com o título "Branca de Neve e os Sete Anões", feita pelo famoso Watt Disney. (LOBATO, 1939, p. 31)

Mesmo utilizando-se de elementos e histórias estrangeiras, Lobato faz reformas e as apresenta ao público de uma forma completamente nova. Monteiro sempre deu asas à imaginação e em suas obras tudo podia acontecer. Lobato trabalha em suas obras a ingenuidade, a pureza e a leveza da infância, apresentando obras inovadoras que trazem um mundo fantástico atrelado a um cenário cotidiano que possibilita ao leitor viajar pelas histórias sem nem mesmo sair do lugar de forma natural e agradável.

Segundo Arroyo (2011, p 300), Lobato tinha como preocupação a sensibilidade da Literatura Infantil, principalmente ligada ao realismo, que poderia ser visto como impossível pelo adulto, mas pela criança não, sendo completamente normal e possível.

A forma como Lobato mescla diferentes temas por toda obra é algo fascinante. Assuntos problemáticos e filosóficos (como a morte) são trabalhados com leveza e simplicidade. Segundo Coelho (1991), Monteiro Lobato leva seus personagens a um plano onde o real, o imaginário e o maravilhoso se confundem. Tendo ciência de tais elementos, partiremos para a análise das obras *Reinações de Narizinho* e *O Picapau Amarelo*.

3.1 Um olhar sobre *Reinações de Narizinho*

Reinações de Narizinho, apesar de inicialmente ser tratada como uma literatura escolar, nunca foi esse real propósito. Na realidade, a obra sempre foi destinada às crianças e à perspectiva que tinham sobre o mundo.

É uma obra criada para o mais puro prazer das crianças, que é ainda mais elevado ao perceber que os personagens centrais são crianças que agem e pensam como crianças e que possuem uma autonomia para tomar decisões e resolver problemas. É perceptível, durante o decorrer da obra, que o mais importante não é somente a resolução dos problemas, mas também as experiências vividas a cada nova aventura.

É através dessa obra que os personagens Narizinho, Pedrinho, Emília, Dona Benta, Tia Nastácia, Visconde e Rabicó são apresentados ao público. É nessa obra que todos os personagens transitam tranquilamente pelo mundo real e o fantástico e vivem diversas aventuras.

As aventuras vividas pela turma do Sítio ajudam o leitor a desenvolver o senso crítico e a formular suas próprias conclusões. Em cada capítulo, notam-se novas aventuras que não narram apenas brincadeiras de crianças, mas sim assuntos que eram pauta no contexto ao qual Lobato pertencia. Monteiro Lobato busca trazer conteúdos políticos, econômicos, geográficos, históricos, entre outros, que são trabalhados de forma leve e divertida. Cada aventura vivida pela turma é sempre composta de muita diversão. Cada personagem tem uma personalidade única, marcante e independente. É através desses personagens que Monteiro Lobato evidencia seus posicionamentos e convicções diante aos acontecimentos recorrentes da época.

Alguns capítulos dessa obra trazem assuntos ligados a um sistema político como é o capítulo "A Rainha", o qual fala da organização de uma colmeia. Nesse capítulo, Monteiro Lobato busca evidenciar a organização política e usa a colmeia das abelhas para indicar de que todos podem realizar qualquer função. Nesse capítulo, ele aponta um governo em que cada abelha toma sua própria decisão para resolver algum problema ou para a realização de alguma tarefa.

A obra também traz um ambiente acolhedor e real ao alcance do leitor, além de personagens tipicamente brasileiros. *Reinações Narizinho* traz uma narrativa leve e divertida com um ambiente e personagens familiares a todos os que moram ou já foram a um sítio no interior. Além disso, vemos que o livro é constituído a partir de histórias independentes, mas que se unem a partir do faz-de-conta e da magia presentes na infância. Cada nova história presente nessa obra apresenta inúmeras possibilidades e a verdade de que tudo é possível, basta acreditar. Ao decorrer das cenas nos pegamos acreditando em bonecas e animais falantes, na possibilidade de

se respirar embaixo d'água e de voar, na invisibilidade e em tantas outras coisas, pois Lobato nos envolve em um ambiente fantástico e mágico que nos leva a transcender o real.

A utilização de personagens de histórias clássicas da Literatura Infantil está muito presente na obra de Monteiro Lobato. Personagens como o Gato Félix, o Pequeno Polegar e o Cowboy Tom Mix, vivem novas experiências ao lado da turma do Sítio. Lobato não traz apenas os personagens de filmes ou histórias clássicas, mas traz também seus próprios autores como La Fontaine e Esopo, Andersen e os Irmãos Grimm, que são moradores vitalícios do País das Maravilhas, tornando sua obra não apenas um objeto de diversão, mas também de formação literária e histórica.

Algo marcante na obra é a composição do núcleo familiar, já que o único homem presente é Pedrinho, neto de Dona Benta, matriarca da família. É ela quem cuida de todos os netos, inclusive economicamente. Mesmo sendo autoridade, não usa desse poder para reprimir os netos e acaba por muitas das vezes participando das aventuras, além de ser a contadora oficial de histórias.

Apesar de Lúcia e Pedrinho serem personagens principais com senso crítico próprio, liberdade de pensamento e expressão, e de terem um espírito independente, é a bonequinha de pano Emília quem encanta e ganha o coração de todas as gerações. Caracterizada como a própria teimosia, Emília, após ingerir a pílula do Doutor Caramujo e começar a falar, não para mais: fala o que pensa sem nem pensar, é mimada e interesseira, não mede esforços para conseguir o que quer.

Além disso, Monteiro Lobato descreve o Sítio tipicamente brasileiro, inclusive como um lugar rodeado de árvores frutíferas e cortado por um riacho, tornando-o um lugar limpo e saudável para as brincadeiras das crianças. É no pomar e no Ribeirão que essas aventuras têm início.

No capítulo em que o personagem Peninha (Peter Pan) é apresentado, ele mostra um mapa da Terra do Nunca, e, nesse mapa, o Sítio e o chiqueiro de Rabicó estão marcados, o que nos leva a compreender que o próprio Sítio faz parte da Terra do Nunca e por isso está rodeado sempre de magia e é visitado pelos próprios personagens mágicos. Durante o capítulo de Peninha de papagaio, quando o País das Maravilhas é chamado de Terra do Nunca, pode-se notar uma referência indireta à obra sobre Peter Pan da qual Pedrinho é muito fã.

Nesse caso, é possível acreditar que o Sítio seja um desses lugares mágicos onde tudo é possível, os sonhos se tornam reais e a imaginação é a porta de entrada para um mundo recheado de criaturas mágicas. Em cada nova aventura, podemos descobrir mais sobre os personagens e sobre nós mesmos.

3.2 Um vislumbre sobre a obra *O Picapau Amarelo*

A obra *O Picapau Amarelo* possui 28 pontos que narram a vinda e a estalagem de todos os moradores do País das Maravilhas no sítio de Dona Benta. A história inicia-se a partir da carta do Pequeno Polegar, que pede encarecidamente que Dona Benta aceite a mudança de todos os moradores do País das Maravilhas para as terras do Sítio. Após aceitar, o pedido a mudança começa, e é nesse ponto que somos imersos numa enxurrada de aventuras divertidas e mágicas, que envolvem diversos personagens de diversas histórias clássicas.

É possível observar uma certa organização geográfica com a compra de novas terras para alocar os novos moradores. A universalidade das obras de Lobato é gigantesca, e não é somente pelo alcance do público, mas também pelos conteúdos abordados, que, mesmo sendo assunto sério, são trabalhados de forma leve e divertida.

A partir da carta do Pequeno Polegar fica nítido que o Sítio possui um caráter acolhedor e de liberdade. Lá os personagens podem transitar livres para falar, pensar, agir e tomar suas próprias decisões sobre qualquer assunto.

Com essa mudança, os novos inquilinos do Sítio não são apenas os príncipes e princesas educadas, os heróis corajosos, as fadas, os meninos que nunca crescem e outros seres mágicos e bonzinhos, mas também vêm os vilões mais perigosos como Barba Azul e Capitão Gancho, além de diversos monstros da mitologia, os quais se incluíram no convite.

É através dos diálogos entre os personagens que percebemos a intimidade que Lobato instaura entre os personagens europeus e os personagens brasileiros constituindo uma interação fluida entre eles, criando um ambiente confortável e descontraído: “Enquanto no castelo de Branca de Neve os meninos se extasiavam diante dos maravilhosos diamante extraídos do seio da terra pelos anões, o pobre Visconde conversava sem medo nenhum com o monstro”. (LOBATO, 2011, p. 30).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o século XVII, o conceito de criança era completamente diferente do que vemos hoje. A figura da criança era vista como uma versão reduzida dos adultos. As crianças tinham acesso somente a textos religiosos, gramaticais e com teor moralizante e pedagógico, mas essa ideia veio perdendo força mediante estudos que buscavam compreender o mundo das crianças.

Com a mudança da concepção sobre a criança, suas necessidades passaram a ser respeitadas, inclusive a necessidade de acesso a uma educação de qualidade e a obras literárias infantis.

Um caminho foi percorrido para se obterem obras literárias infantis no Brasil. As obras destinadas a crianças eram traduções de fábulas vindas da Europa e seguiam à risca o seu modelo de escrita, mas é a partir da publicação da obra *Reinações de Narizinho* em 1931 que a Literatura Infantil no Brasil muda completamente e a visão sobre a escrita para crianças torna-se um divisor de águas. Após a sua primeira publicação, Monteiro Lobato continua criando para o público infantil. Suas obras, além de nos remeterem à natureza e a concepção nacional, trazem consigo leveza e divertimento aos leitores.

Monteiro Lobato mescla a realidade e o maravilhoso de forma natural. Sua escrita simples, de fácil entendimento e tipicamente brasileira torna seus personagens ainda mais aceitos. Após a identificação do público com os personagens e suas características de independência e liberdade, suas obras ajudam seus leitores a formar um senso crítico. Ou seja, Monteiro Lobato traz obras que “[...] em vez de afugentar o leitor, prende-o. Em vez de ser tarefa, que a criança decifra por necessidade, é a leitura agradável, que lhe dá a amostra do que podem ser os livros [...]” (ARROYO, 1990, p. 284), tornando o livro um novo brinquedo, atrativo a todas as crianças, comovendo o leitor, desenvolvendo sua personalidade e marcando uma nova era na educação.

É notável a utilização de elementos culturais e científicos em diálogo com o maravilhoso e o lúdico nas obras de Monteiro Lobato, inclusive nas duas obras em estudo que abordam a curiosidade, o descobrimento de novos lugares e como lidar com os problemas cotidianos. Ambas estão marcadas pelo uso de uma linguagem simples, de elementos fantásticos, do exercício da imaginação de fatores pertencentes à cultura brasileira.

O faz-de-conta e o fantástico andam de mãos dadas nas obras lobatianas e nelas tudo torna-se possível, “[...] o inventado deixa de ser fantasia e se transforma em verdade” (SILVEIRA, 1993, p. 51). Desse modo, o lúdico não contribui apenas para tornar as obras de Lobato um sonho, mas também para o desenvolvimento cognitivo das crianças. O lúdico desempenha um grau de importância nas obras de Monteiro Lobato. Ele une o real ao fantástico e torna as obras tão interessantes e divertidas, tornando a leitura algo prazeroso, como se fosse um brinquedo.

REFERÊNCIAS

ABRAWOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

AZEVEDO, Janete Maria Lins. **A educação como política pública**. Campinas, SP: Autores Associados.(1997).

BARROS, Paula Rubia Pelloso Duarte. **A Contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. 2013. 54 f. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo, 2013.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

HYWOOD, Colin. **Uma história da infância**. Tradução Moysés Kuhlmann Jr. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LOBATO, Monteiro. **O Picapau Amarelo**. 10ª Reimpressão da 34ª edição de 1994. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 16ª Reimpressão da 48ª edição de 1993. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 207

MEIRELES, Cecília. **Problemas Da Literatura Infantil**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1964.

NUNES, Luciana Aparecida. A Literatura Infantil de Monteiro Lobato e o Ideário Escolanovista. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, n. 2, p. 13, 2002.

SANTOS, Luciana Mendes da Silva. **O lúdico através da contação de histórias: uma proposta entre imaginar, divertir e aprender.** 2013. Disponível em <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/o-ludico-atraves-contacao-historias-uma-proposta-entre-imaginar-divertir-aprender.htm#:~:text=DIVERTIR%20E%20APRENDER-,O%20L%3%9ADICO%20ATRAV%3%89S%20DA%20CONTA%3%87%3%83O%20DE%20HIST%3%93RIAS%3A%20UMA%20PROPOSTA%20ENTRE,a%20superar%20dificuldades%20de%20aprendizagem.> Acesso em: 22/02/2023.

SILVA, Aline Luiza. Trajetória Da Literatura Infantil: Da Origem Histórica E Do Conceito Mercadológico Ao Caráter Pedagógico Na Atualidade. **REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM - ISSN 1984-7866**, v. 2, n. 2, jun. 2010. ISSN 1984-7866. Disponível em: < <https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234> >. Acesso em: 08 apr. 2023.

SILVEIRA, Eunice Maria Pinto da. **O Ensino da literatura infantil no curso de formação para o magistério: um estudo de caso.** 1993. 154f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, 1993.

SANTANA, Aline de Souza Viana. **A Importância do Lúdico na Educação Infantil.** 2019. 59f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação do campo, habilitação em Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Federal do Espírito Santo. São Mateus, 2019.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 4. ed. São Paulo: Global, 1985.